

Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

ISSN 3085-816X

vol. 2, n. 1, 2025

... ARTIGO 1

Data de Aceite: 02/01/2026

CORTIÇO: A MULHER NEGRA NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

Gabriel Gonzaga de Oliveira Filho

Acadêmico de Letras

Mare Helena Soares Cardoso

Acadêmica de Letras

Milena Santos de Jesus

Orientadora

Professora Mestre



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: Este artigo apresenta os desdobramentos de uma pesquisa bibliográfica dedicada à compreensão do tema central abordado no TCC: O Cortiço: A Mulher Negra no Contexto das Relações Étnico-Raciais”. A investigação concentrou-se em realizar uma análise crítica da obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, objetivando promover a reflexão sobre a condição da mulher no âmbito étnico-racial, buscando a crítica sobre a manutenção do patriarcado, da exploração e do racismo. Analisar a representação de mulher negra presente no naturalismo; entender as relações gênero através da personagem Bertoleza; Relacionar a análise das personagens femininas com a contextualização social e étnico-racial em que ela está inserida na narrativa. Explorando as complexidades das experiências das mulheres negras na narrativa. Ao debruçar-se sobre os personagens e o enredo da obra, o artigo delineia como a narrativa não apenas espelha as circunstâncias da época em que foi escrita, mas também ressoa de maneiras relevantes nos dias atuais. Este trabalho promove o estudo da narrativa de Aluísio Azevedo busca a contribuição de autores contemporâneos tais como: Evaristo, Bell Hooks, Lélia Gonzalez explorando as representações de mulher negra nas relações étnico-raciais no país. O método e o qualitativo, a discussão proposta articula os pressupostos da Teoria Literária aos Estudos de Gênero, no sentido de repensar o corpo da mulher negra na sociedade. A abordagem evaristiana oferece uma incursão nas tramas intrincadas que compõem a identidade e as vivências das mulheres afro-brasileiras. Um aspecto fundamental foi proporcionar uma plataforma para as vozes das mulheres negras, elucidando suas lutas e resistências muitas vezes marginalizadas pela sociedade. O texto também destaca a imperatividade

de persistir nas discussões e confrontos das questões étnico-raciais, especialmente no contexto das experiências das mulheres negras. Dessa forma, o artigo se propõe não apenas a uma análise crítica da obra literária, mas também a um chamado à reflexão sobre a relevância e urgência contínua das discussões em torno das questões étnico-raciais, evidenciando como essas problemáticas reverberam nas experiências das mulheres negras tanto historicamente quanto nos dias de hoje.

Palavras-Chave: 1. Mulher Negra; 2. Literatura; 3. Étnico-raciais.

INTRODUÇÃO

A obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, publicada em 1890, é uma peça fundamental do movimento naturalista no Brasil, oferecendo uma rica visão dos aspectos históricos, raciais e sociais do século XIX. Situada em um cortiço, a narrativa destaca aspectos do capitalismo, abrindo espaço para a discussão de questões socioeconômicas e étnico-raciais, revelando diferentes arquétipos da sociedade brasileira. No cenário descrito como promíscuo e questionável, o cortiço representa um estigma social associado a más influências. A trama aborda a recente abolição da escravidão, centrando-se nas angústias de Bertoleza, uma mulher negra que enfrenta as incertezas de um futuro pós-libertação.

Bertoleza também trabalhou forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-

réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta (AZEVEDO, 1997, p. 1).

Sua relação com João Romão, seu patrão e amante, destaca abusos psicológicos, sentimentais e exploração de mão de obra, revelando as complexidades das relações sociais na época. Essa pesquisa se concentra em entender a representação da mulher negra no contexto naturalista, explorando as violências que atingem o corpo de Bertoleza. É buscado compreender a representação do corpo negro feminino na literatura de 1890 contribui para a compreensão das opressões enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade brasileira do século XXI.

A narrativa de “O Cortiço” se revela como um campo aberto para estudos de gênero, considerando as estruturas histórico-sociais de opressão. Conforme o argumento de Lélia Gonzalez, a vivência da mulher negra no Brasil é profundamente enraizada na intersecção de raça e gênero, destacando a necessidade de uma análise crítica que desvende as estruturas opressivas presentes na sociedade. erotização da mulher negra, Gonzalez nos instiga a compensar as dinâmicas sociais que perpetuam a marginalização das mulheres negras, pois retrata a vida pós-abolição em um cortiço no Rio de Janeiro do século XIX, abordando temas como decadência moral, exploração da classe trabalhadora, miséria e luta pela sobrevivência.

A pesquisa busca resgatar os silêncios da memória, compreendendo a multiplici-

dade e resistência do corpo negro na sociedade e compreender as relações étnico-raciais, especialmente por meio da abordagem do corpo negro feminino de Bertoleza, marcado pela opressão pós-abolição. Para tanto surgiu aqui a problemática de como o cortiço aborda sobre a mulher negra no contexto das relações étnico-raciais?

A análise da obra *O cortiço*, em um segundo momento, possibilitou apresentarmos o problema e os objetivos do trabalho, o diálogo com autores que abordam a temática. Possibilitando a coleta de dados, para a elaboração dos objetivos dessa investigação que são: (I) Promover a reflexão sobre a condição da mulher no âmbito étnico-racial, criticar a manutenção do patriarcado, exploração e racismo, (II) analisar a representação da mulher negra no naturalismo, (III) compreender as relações de gênero por meio da personagem Bertoleza e finalmente (IV) relacionar a análise das personagens femininas com a contextualização social e étnico-racial na narrativa.

Este artigo busca, assim, contribuir para uma compreensão mais profunda das opressões enfrentadas pelas mulheres negras, lançando luz sobre a representação do corpo negro feminino na literatura naturalista brasileira do século XIX. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa a partir do levantamento bibliográfico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No contexto deste estudo sobre a obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo envolve a abordagem de autores da teoria literária que tenham considerações sobre o naturalismo e os estudos de gênero. A obra retrata temas como: a pobreza, homossexualidade, a disparidade entre a cultura do brasileiro e a do

português imigrante, a escravidão. Expondo uma visão crítica do autor sobre os problemas sociais vivenciados na época. O enredo da história de João Romão, que busca a qualquer custo mudar de vida e crescer socialmente. Ele é proprietário de uma venda, de uma pedreira e do cortiço que vivem os personagens que conhecemos durante a leitura. A crítica social da obra, denuncia preconceitos raciais e a exploração de pessoas.

Será crucial analisar como as características do movimento naturalista influenciam a construção da personagem Bertoleza, oferecendo percepções sobre a representação da mulher negra na narrativa. Além disso, a fundamentação teórica permitirá a contextualização da obra no período pós-abolição, enriquecendo a compreensão das condições sociais e étnico-raciais da época. Ao integrar essas perspectivas teóricas, a pesquisa busca lançar luz sobre as complexidades das relações sociais, promovendo uma reflexão crítica sobre as opressões enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil do século XIX e sua relevância contemporânea.

As relações de gênero dizem respeito às relações sociais de domínio entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é definido pelas diferenças entre os sexos. Este tipo de relação desigual imposto pela sociedade que impõe sobre a mulher, reforça os preconceitos e privilégios de um sexo.

Esta pesquisa optou por uma revisão de literatura do tipo integrativa, respeitando característica de uma ampla abordagem metodológica referente às revisões e diálogo entre os autores. Esse estudo se fundamentará em pesquisa qualitativa, bem como pesquisa bibliográfica e documental utilizando produções teóricas existente sobre o tema da questão, “O cortiço: A mulher negra no

contexto das relações étnico-raciais, e também em sites e artigos.

O referencial teórico que sustentará o presente trabalho se sustentará nos seguintes eixos norteadores: a reflexão sobre a condição da mulher no âmbito étnico-racial, crítica a manutenção do patriarcado, exploração e racismo, compreende as relações de gênero por meio da personagem Bertoleza e análise das personagens femininas com a contextualização social e étnico-racial na narrativa. Nesse sentido, buscamos embasamento teórico para fundamentar as questões referentes à temática através de Azevedo (1997), Gonzalez (1979), Evaristo, Bell Hooks, Lélia Gonzalez explorando as representações de mulher negra nas relações étnico-raciais no Brasil do século XIX. As escritoras enriquecem o panorama teórico, mas também fornece uma compreensão mais holística das condições sociais, históricas e literárias que moldaram as experiências das personagens femininas. Assim, este artigo propõe compreender as complexidades e interconexões que delineiam a mulher negra no contexto das relações étnico-raciais apresentadas em “O Cortiço”.

Mediante a leitura e os estudos de documentários acerca do tema, pode-se fazer uma crítica à manutenção do patriarcado, exploração e racismo, crítica que sugere uma análise ampla das condições enfrentadas pelas mulheres, especialmente as negras, no contexto abordado. Neste conceito podemos analisar e sustentar a proposta no artigo. Promover a Reflexão sobre a Condição da Mulher no Âmbito Étnico-Racial.

Esta pesquisa foi desenvolvida na linha dos estudos etnográficos, a investigação valeu-se da leitura atenciosa como procedimento de estudo mais adequado ao objetivo da pesquisa de compreender como a figu-

ra da mulher negra tem se manifestada na sociedade fazendo uma ponte com a obra o cortiço, desenvolvendo sobre o sentido manifestação da mulher negra, tendo como pressuposto a ideia do racismo é algo que persiste dentro da nossa sociedade. Como lembra o processo de recepção é construído coletivamente, e daí a opção por observar o comportamento social interagindo com a personagem da obra.

A inserção dessas perspectivas teóricas não apenas enriquece a interpretação da obra, mas também fornece uma plataforma robusta para a reflexão crítica sobre a condição da mulher, destacando as nuances específicas enfrentadas por mulheres negras na sociedade da época. Ao explorar como a obra de Azevedo se encaixa nesse contexto, a fundamentação teórica estabelece as bases para uma análise contextualizada e aprofundada da representação da mulher negra, promovendo uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais, étnicas e raciais que permeavam o Brasil do século XIX.

A articulação dessas teorias visa também lançar um olhar crítico sobre a manutenção do patriarcado, exploração e racismo presentes na narrativa naturalista de “O Cortiço”. A representação de Bertoleza, inserida nesse contexto, torna-se um ponto focal para entender não apenas as dinâmicas sociais, mas também as estruturas de poder que perpetuam a subjugação das mulheres, especialmente as negras.

A teoria étnico-racial, ao considerar o contexto histórico do Brasil do século XIX, destaca não apenas a persistência de estruturas discriminatórias, mas também a resistência e as estratégias de sobrevivência adotadas pelas mulheres negras. Além disso, ao examinar como a obra de Azevedo se encaixa no panorama sociopolítico da época, a fun-

damentação teórica possibilita uma análise mais profunda das estratégias narrativas do autor. O estudo das relações entre os personagens, particularmente as dinâmicas de poder entre Bertoleza e João Romão, desvenda as nuances das opressões enfrentadas pelas mulheres negras não apenas no âmbito literário, mas como reflexo das estruturas sociais vigentes.

Podemos apontar na obra de Azevedo que a figura da mulher negra é vista de duas formas, vemos a Bertoleza, mulher negra propícia para o trabalho doméstico e para satisfazer o seu parceiro, submissa e sem poder de fala, esse silenciamento da personagem nos mostra um retrato da situação das mulheres daquela geração e que devido ao patriarcado enraizado em nossa sociedade ainda persiste em existir. Essas características da mulher negra dada pelo autor literário, de que a mulher negra sempre é retratada como submissas ou como lascivas.

As mulheres negras, por sua vez, após a Abolição dos escravos, continuariam trabalhando nos setores os mais desqualificados recebendo salários baixíssimos e péssimo tratamento. Sabemos que sua condição social quase não se alterou, mesmo depois da Abolição e da formação do mercado de trabalho livre no Brasil. Os documentos oficiais e as estatísticas fornecidas por médicos e autoridades policiais revelam um grande número de negras e mulatas entre empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, doceiras, vendedoras de rua

e prostitutas, e suas fotos não se encontram nos jornais de grande circulação do período – como o *Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo* ou o *Jornal do Comércio* e *A Noite*, do Rio de Janeiro –, ao contrário do que ocorre com as imigrantes europeias (RAGO, 2004, p. 487).

Já a Rita Baiana, se diferencia de Bertoleza por ter o corpo erotizado descrita pelo autor de forma erotizada, como se a negra fosse objeto de prazer, algo que está presente também nos dias atuais. A mulher negra é vista como imagem amoral, um perigo constante na desconstrução da ordem do modelo feminino da sociedade branca, este tipo de pensamento é perceptível na novela da cor do pecado de João Emanuel Carneiro

A mulata era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; (...), assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias (...). (AZEVEDO, 2005, p. 72)

Para compreender de maneira abrangente a representação da mulher negra na obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, é imperativo adentrar nas bases do movimento

naturalista. Essa corrente literária, marcada pela influência do determinismo e observação científica, moldou a construção de personagens como Bertoleza, inserindo-as em um contexto social específico.

Ao explorar teorias literárias, buscamos entender como o naturalismo contribui para a complexidade das relações sociais apresentadas na obra, especialmente no que diz respeito à representação das mulheres negras. A fundamentação teórica se expande para incorporar estudos de gênero e teorias étnico-raciais. Por meio dessas lentes teóricas, a pesquisa se propõe a desvelar as interseccionalidades entre gênero e raça, enriquecendo a compreensão das opressões vivenciadas pelas mulheres negras na sociedade pós-abolição. A teoria étnico-racial oferece ferramentas conceituais para analisar o contexto histórico do Brasil do século XIX, considerando a persistência de estruturas discriminatórias e as complexidades das experiências das mulheres negras.

João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor. Depois, um tomava uma carga e partia para casa, enquanto o outro ficava de alcatéia ao lado do resto, pronto a dar sinal, em caso de perigo; e, quando o que tinha ido voltava, seguia então o companheiro, carregado por sua vez. (AZEVEDO, 1997, p. 9).

Na citação acima do livro “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, Bertoleza desempenha um papel ativo nas atividades de João Romão, auxiliando-o nas práticas clandestinas ou ilegais de adquirir materiais de construção. A descrição faz anunciar parceria íntima entre João Romão e Bertoleza, na qual ela não apenas o apoia, mas também participa ativamente das atividades, seja removendo os materiais ou atuando como vigia.

Essa dinâmica pode ser interpretada como uma representação do apoio e envolvimento das mulheres nas ações dos parceiros, mesmo que essas ações possam ser moralmente questionáveis ou ilegais. Bertoleza, ao trabalhar lado a lado com João Romão, pode simbolizar a cumplicidade ou o comprometimento das mulheres em relação às escolhas e ações de seus parceiros, mesmo que essas escolhas possam ser eticamente ambíguas.

No entanto, é importante notar a relação entre João Romão e Bertoleza pode ter várias camadas de significado e pode ser influenciada por elementos culturais, sociais e históricos presentes na obra.

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO NATURALISMO

A representatividade do negro na literatura brasileira por muito tempo foi marcada por estereótipos quase sempre negativos. Em poucas ilustrações, percebemos o negro ser representado como fiel e com qualidades positivas. Para a sociedade escravocrata da época, ver o negro ex-escravo ser melhor que o homem branco seja no que ele fosse era algo sócio e moralmente inaceitável.

Para a época o negro era visto como alguém feio e sujo, a forma que alguns autores conseguiram inserir o negro em seus roman-

ces foi embranquecendo seus personagens ou mantendo certas características de escravos e submissos, vimos isso em *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, a protagonista era uma jovem escravizada mestiça que tem a pele clara. Em *O Cortiço* temos Bertoleza e Rita Bahiana enquanto uma é apresentada como uma mulher feia subserviente, submissa a outra é erotizada.

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva. (bell hooks, 1995, p. 468)

Ser representado, se vê como protagonista trás para negro e seus antecedentes que não são inferiores, como eram descritos em muitos romances do século XIX. Roger (2002), que diz respeito ao conceito das representações históricas;

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso,

o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Roger Chartier (2002, p.17)

Assim entendemos que a representação, visa entender de como as pessoas se veem representadas na sociedade e de como os elementos pertencentes a esta sociedade estão sendo definidos e retratados. Em outras palavras, a representação nos mostra de como foi construída a imagem do negro e da mulher negra na sociedade, ressignificando e estabelecendo uma representação positiva da população negra ou de afrodescendentes.

A análise proposta no artigo “Analisar a Representação da Mulher Negra no Naturalismo” é um pilar que busca desvendar as complexidades das narrativas naturalistas e suas implicações na representação da mulher negra. Ao mergulhar nas bases do movimento naturalista, centrado na observação científica e no determinismo, a pesquisa visa compreender como essa corrente literária molda a construção de personagens, destacando, em particular, a figura da mulher negra. A análise da representação de personagens femininas em obras naturalistas, como “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, torna-se fundamental para desvelar as nuances das

condições sociais, étnicas e raciais enfrentadas por essas mulheres.

A fundamentação teórica não se limita à esfera literária, estendendo-se também a estudos de gênero e teorias étnico-raciais. Ao adotar essas perspectivas teóricas, a pesquisa propõe uma análise das interseccionalidades entre gênero e raça, enriquecendo a compreensão das opressões enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade naturalista. A teoria étnico-racial, ao contextualizar o Brasil do século XIX, permite uma análise mais profunda das estruturas discriminatórias persistentes, evidenciando as experiências específicas das mulheres negras nesse período.

A análise da representação da mulher negra no naturalismo não apenas desvela as complexidades literárias da época, mas também abre espaço para uma reflexão crítica sobre a perpetuação de estereótipos e as estruturas que influenciam a construção dessas narrativas.

Continuando a análise, é essencial destacar que a fundamentação teórica adotada neste artigo não apenas enriquece o entendimento da representação da mulher negra no naturalismo, mas também lança luz sobre as interconexões entre a literatura e as condições sociais reais da época. Ao explorar as obras naturalistas, como “O Cortiço”, a pesquisa não se limita a uma análise superficial das representações femininas, mas busca compreender as dinâmicas complexas que moldaram as experiências das mulheres negras na sociedade pós-abolição.

Uma abordagem interseccional, entrelaçando as dimensões de gênero e raça, proporciona uma compreensão mais aprofundada das opressões enfrentadas por essas mulheres. A teoria étnico-racial, ao contex-

tualizar o Brasil do século XIX, permite não apenas identificar as estruturas discriminatórias persistentes, mas também examinar as estratégias de resistência e as formas de enfrentamento impostas pelas mulheres negras para navegarem nesse contexto desafiador. Ao ampliar o escopo da análise para incluir estudos de gênero, a fundamentação teórica contribui para desconstruir estereótipos e proporcionar uma visão mais holística das experiências das mulheres negras na literatura naturalista. A complexidade das personagens femininas, como Bertoleza, ganha maior relevância ao ser interpretada à luz das teorias que exploram as interações intrincadas entre raças e gênero.

Além disso, é importante ressaltar que essa abordagem teórica não apenas identifica as opressões enfrentadas pelas mulheres negras, mas também abre espaço para discutir as resistências e as formas de subversão presentes nas narrativas naturalistas. A proposta de análise busca não apenas desvelar as representações literárias, mas também contribuir para uma compreensão mais profunda das realidades vivenciadas por mulheres negras no contexto histórico e social específico do Brasil do século XIX. Encerramos nossa análise destacando o fato de que ainda há uma carência na literatura brasileira de obras que retrate o negro como pessoa digna e que lutou e luta contra a discriminação racial e por espaço.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO POR MEIO DA PERSONAGEM BERTOLEZA: A CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL E ÉTNICO-RACIAL NA NARRATIVA

Compreender as Relações de Gênero por meio da personagem Bertoleza e relacionar a análise das personagens femininas com

a contextualização social e étnico-racial na narrativa delineia uma abordagem multifacetada que visa desvendar as complexidades das representações femininas no contexto naturalista da obra *O Cortiço*. Esta proposta de análise concentra-se na personagem Bertoleza como uma lente de investigação crucial para compreender as dinâmicas de gênero presentes na narrativa.

Ao examinar as relações de gênero por meio da trajetória de Bertoleza, a pesquisa busca não apenas identificar as dinâmicas de poder e subordinação presentes na vida do personagem, mas também entender como essas relações são moldadas pelo contexto histórico e social do século XIX. Bertoleza, como mulher negra, carrega consigo não apenas as marcas da opressão de gênero, mas também aquelas derivadas do racismo estrutural, oferecendo uma oportunidade única de explorar as interseccionalidades dessas experiências.

Relacionar a análise das personagens femininas com a contextualização social e étnico-racial na narrativa amplia a perspectiva para além das experiências individuais, inserindo-as em um panorama mais amplo da sociedade da época. Isso implica examinar não apenas as características individuais das personagens femininas, mas também como essas características são reflexos e produtos das estruturas sociais e étnico-raciais vigentes. Essa abordagem visa desenvolver não apenas as opressões sofridas pelas personagens femininas, mas também as formas de resistência e resiliência que emergem em resposta a essas condições. Ao destacar as nuances das experiências das mulheres negras na obra, o título sugere uma análise crítica que transcende a mera descrição das personagens, promovendo uma compreensão mais

profunda das relações de poder, da representação social e da complexidade das identidades femininas no contexto naturalista.

A compreensão das relações de gênero por meio da personagem Bertoleza é enriquecida por teorias feministas que examinam as estruturas de poder subjacentes às experiências das mulheres. A teoria feminista oferece uma visão crítica das hierarquias de gênero, evidenciando como uma sociedade patriarcal subjugou e marginalizou as mulheres, especialmente as mulheres negras, conferindo-lhes posições periféricas. Além disso, ao considerar a interseccionalidade entre gênero e raça, fundamentada nas teorias interseccionais, compreendemos que as experiências de Bertoleza são moldadas não apenas pelo gênero e pelo racismo, mas também por outras formas de opressão presentes na sociedade da época. A análise das personagens femininas de “O Cortiço” pode ser ampliada por meio das contribuições da crítica literária. Abordagens críticas como a análise narratológica e a teoria da recepção literária são ferramentas promissoras para desvendar os papéis e as representações das mulheres na obra. Ao considerar elementos narrativos, como a voz narrativa, a construção das personagens e suas interações, a análise se aprofunda, revelando como as estruturas narrativas também refletem e perpetuam as situações de gênero e étnico-raciais.

Além disso, uma contextualização histórica e social, baseada em estudos históricos e antropológicos, oferece insights sobre as condições socioculturais que moldaram as vivências das mulheres naquele período. Essa perspectiva histórica permite uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais, econômicas e políticas que influenciaram as experiências das mulheres negras no contexto

da obra. Ao integrar essas diversas correntes teóricas, a análise da proposta se enriquece, proporcionando uma visão mais abrangente e aprofundada das representações das mulheres, especialmente as mulheres negras, no contexto naturalista de “O Cortiço”. Essa ampliação teórica oferece uma compreensão mais completa das dinâmicas sociais, culturais e políticas que permeiam as narrativas literárias, promovendo uma análise crítica e reflexiva sobre as condições vivenciadas pelas mulheres no século XIX.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho classifica-se como um estudo qualitativo, a discussão aqui proposta articula os pressupostos da Teoria Literária aos Estudos de Gênero, no sentido de repensar o corpo da mulher negra face à sociedade do séc. XIX. Para tanto, elegemos como *corpus* a narrativa *O Cortiço* (1997). A produção literária de Aluísio de Azevedo (1997) se mostra como um amplo campo para os estudos de gênero, pois apresenta representações considerando as estruturas histórico-sociais. Na tessitura literária brasileira, “O Cortiço” figura como um marco, pintando um retrato vívido da sociedade do século XIX e das relações étnico-raciais entrelaçadas na trama urbana. Dentro desse contexto, é imperativo a análise para além das páginas da obra de Aluísio Azevedo e explorar as representações de mulheres negras.

Para a sua realização desse trabalho foram seguidas as seguintes etapas: definição da questão norteadora do estudo, determinando critérios de inclusão e exclusão, definição das informações que serão acrescentadas dos estudos selecionados, análise e

interpretação dos estudos que compõem a amostra, síntese dos resultados e discussão.

[...] é exigido que se trate o assunto, sem mais, buscando ‘matar o tema’; incluímos nisso, sempre, que o texto seja enxuto, direto, claro, feito para entender-se na primeira leitura, evitando-se estilos herméticos, enrolados, empolados; admitimos que a profundidade do conhecimento combina melhor com a sobriedade; (Demo 2000, p. 27)

A pergunta norteadora foi: “Como O cortiço: pode trazer a mulher negra no contexto das relações étnico-raciais? A obra realista/naturalista, de Aluísio de Azevedo, traz no seu enredo não só a análise literária, mas também a reflexão historiográfica da realidade do Brasil da época, a transição da monarquia primeira república. Toda história se passa no cortiço, neste local podemos perceber toda a transformação social que os brasileiros viviam.

O livro menciona muitas figuras femininas como Bertoleza uma negra, caracterizada como suja, sonhadora com a utopia da alforria, escondida durante quase toda obra,

D. Estela era uma aristocrata, europeia, casada por interesses monetários, e que inconformada com o casamento, torna-se infiel, seu marido pra não perder o prestígio que a condição social da mulher lhe proporcionara, aceita a infidelidade da esposa, a viúva portuguesa D. Isabel, pobre, lavadeira e amada pelos moradores do cortiço, pertencente ao mesmo ambiente físico e social de Bertoleza, Rita Bahiana mulata descrita

como irreverente, linda, cheirosa, belas curvas, decidida e independente.

Conforme vamos lendo a narrativa percebemos a existência de uma superioridade racial que é dada a D. Isabel e D. Estela, devido sua cor e da origem europeia, em relação a personagem negra Bertoleza. Assim era vista a mulher negra na sociedade, a personagem Bertoleza era vista como um padrão de mulher, que ninguém queria e que deveria aceitar tudo que lhe era imposto além de suas características físicas serem descritas como defeitos. Aqui percebemos a realidade da mulher negra e branca, e a diferenciação como era subjugada de acordo com o pertencimento étnico-raciais.

O levantamento dos artigos foi realizado no mês de agosto do ano de 2023, através da do romance o cortiço de Aluísio de Azevedo, a escrava Isaura, Roger 2002, Evaristo, Demo, Gil, Gonzales, Guimarães, Hooks, Rago, Bairros, Chatier, Holanda, Keilla, Lo-Ruama, Rayanne, Ribeiro, Saffioti, Azevedo, Almeida, Araújo, Becker, Candido, Freyre. A escolha das bases de dados deveu-se ao quantitativo de indexação de artigos da área literatura e socialismo, também por serem bases que contemplam estudos primários, assim como também por índice artigos nas temáticas relacionadas ao racismo. Os autores descritores foram ajustados de diferentes formas com o objetivo de ampliar a busca pelos estudos.

[...] rigorosamente, todo procedimento de coleta de dados depende da formulação prévia de uma hipótese. Ocorre que em muitas pesquisas as hipóteses não são explícitas. Todavia, nesses caos, é possível determinar

as hipóteses subjacentes, mediante a análise dos instrumentos adotados para a coleta de dados. (GIL, 2010, p. 23).

Depois da África o Brasil é o país com a maior população negra. Se o negro é maioria, então por que essa população, é pouco representada em todas as esferas social? Podemos dizer que isso ocorre porque, ainda que exista igualdade perante a lei, existe estruturas de discriminação que escolhe a quem terá acesso a oportunidades.

[...] o racismo — enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas — denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas (Gonzalez, 2020 [1979a]: 35).

Isso acontece de devido ao racismo, mas o que é racismo? Racismo é uma forma de preconceito e discriminação baseada na cor d pele de um indivíduo.

[...] ‘raça’ é não apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas é também categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a nação brasileira de ‘cor’ enseja são efetivamente raciais e não apenas de ‘classe’.

(GUIMARÃES 2002, p. 50, grifo do autor):

Se ser negro no nosso país já é excludente imagina ser mulher e negra, é bem desafiador, pois, a estas mulheres estão mais expostas e desprotegidas devida sua condição social e econômica, ela está tradicionalmente discriminada devido o passado escravocrata do país, que a deixou à margem da desigualdade e exclusão, o que trouxe diversas consequências sociais, política, morais, culturais e trabalhistas.

Para nós amefricanos do Brasil e de outros países da região — assim como para as ameríndias — a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer outra pelo racial. Exploração de classe discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum entre homens e mulheres pertencentes a uma etnia subordinada. (GONZALEZ, 1988, p. 18).

No romance o cortiço vimos o racismo estampado de forma clara, onde os moradores, descendente de escravos eram discriminados devido a cor da sua pele. Essa distinção implica um tratamento diferenciado, que resulta em exclusão, segregação, opressão e exploração. Percebemos que essa posição de marginalidade estabelece o que é considerado a inferioridade cultural da raça negra, que culminam por ficar encarregados de trabalhos improdutivos, braçais tais como os serviços domésticos e ocupações subalternizadas, situação que ainda persiste nos dias atuais como funções ocupadas predominante pela população negra.

Mas a bolha do seu desvanecimento engelhou logo à vista de Bertoleza que, estendida na cama, roncava, de papo para o ar, com a boca aberta, a camisa soerguida sobre o ventre, deixando ver o negrume das pernas gordas e lustrosas. E tinha de estirar-se ali, ao lado daquela preta fedorenta a cozinha e bodum de peixe! [...] havia de pôr a cabeça naquele mesmo traveseiro sujo em que se enterrava a hedionda carapinha da crioula! (AZEVEDO, 2017, p. 174)

Lélia Gonzalez (2020) ao abordar a interseccionalidade vinculada ao artigo de identidade e cultura nacional mostra que o racismo em solo latino-americano está atrelado à ideologia do branqueamento, difundida por cientistas brasileiros, meios de comunicação de massa e por ideologias tradicionais que ambicionavam valores únicos e universais. No mais, somaria ao movimento a compreensão do modelo patriarcal-racista atrelado ao conceito do capitalismo patriarcal (ou patriarcado capitalista).

O “esquecimento” da questão racial pode ser interpretada como um caso de racismo por omissão, que se origina de perspectiva eurocêntrica e neocolonialistas da realidade latino-americana. É importante notar que esta crítica se insere na perspectiva de Lélia sobre amefricanidade, onde o racismo que subordina índias e negras decorre de uma visão

falaciosa de latinidade que legitima a inferiorização dos setores sociais cuja cultura e história não têm a Europa como referência. O conceito de latinidade é, portanto, uma forma de eurocentrismo que ao descartar, ou pelo menos subestimar, as dimensões índias e negra na construção das Américas, compromete a radicalidade do feminismo latino-americano. (BAIRROS, 2014, p. 10).

Assim, as mulheres não brancas seriam “faladas”, por um sistema ideológico de dominação que as infantiliza. E impõe um lugar de subalternidade baseados nas condições biológicas de sexo e raça. Esse fato negaria às mulheres o direito de serem sujeitas ao próprio discurso. Com Gonzalez (2020) se consegue vislumbrar a amplitude do movimento para uma nova forma de se pensar a mulher. É inegável que o feminismo como teoria e prática vem desempenhando um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, e à medida que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher. (GONZALEZ, 2020, p. 42).

Bell Hooks, renomada feminista negra, fornece uma lente analítica valiosa, explorando as experiências das mulheres negras em contextos diversos. Suas reflexões, estereótipos e desafios sistêmicos fornecem um arcabouço teórico essencial para entender as narrativas literárias que se desdobram no universo do cortiço. Conceição Evaristo, destacada escritora e poetisa brasileira, surge como uma figura central na literatura que explora a rica e complexa experiência

da mulher negra. A abordagem evaristiana oferece uma incursão nas tramas intrincadas que compõem a identidade e as vivências das mulheres afro-brasileiras. Ao incorporar os pressupostos teóricos de Conceição Evaristo, este artigo propõe uma abordagem interseccional para os estudos literários enriquecendo a análise das personagens femininas em “O Cortiço”. A abordagem evaristiana não apenas complementa, mas também desafia as representações tradicionais, destacando a necessidade de considerar a multiplicidade de experiências e identidades no tecido social brasileiro. Assim, ao fundir as vozes de Aluísio Azevedo e Conceição Evaristo, este artigo busca “iluminar os cantos escuros” da literatura brasileira, proporcionando uma compreensão mais completa e inclusiva das complexas relações étnico-raciais

Na tessitura literária brasileira, “O Cortiço” figura como um farol que ilumina as complexidades das relações étnico-raciais no século XIX, desvelando as intrincadas tramas que compõem o tecido social urbano da época. Além de aprofundar nas páginas de Aluísio Azevedo, é essencial ampliar nossa análise para além do universo da obra e explorar as contribuições de vozes contemporâneas que enriquecem nosso entendimento das experiências da mulher negra. Nesse sentido, a incorporação das perspectivas críticas de Bell Hooks, Conceição Evaristo e Lélia Gonzalez ampliará a compreensão das complexidades étnico-raciais no contexto literário proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No século XIX, o Brasil viu-se imerso em complexas questões ético-raciais, destacadas pela presença marcante da escravidão e do racismo. As mulheres, particularmente

as negras, enfrentam desafios multifacetados em meio a esse cenário, suscitando reflexões sobre a exploração e tratamento desumano nos campos de trabalho. A identidade racial das mulheres mestiças foi uma área de desafio, moldada pela aparência física e resultando em tratamento diferenciado. Apesar das adversidades, as mulheres negras emergiram como protagonistas na resistência contra a escravidão, introduzindo temas éticos fundamentais como liberdade e igualdade. A personagem Bertoleza, do romance “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, personifica as complexas questões étnico-raciais do século XIX. Sua história, inicialmente marcada pela exploração brutal como escrava, simboliza a dura realidade da escravidão no Brasil da época “[...] a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amiga com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade” (AZEVEDO, 1997, p. 1).

A forma como Bertoleza é retratada na obra reflete estereótipos raciais da época, revelando percepções complexas da sociedade brasileira do século XIX. Sua identidade racial mestiça a coloca em uma posição ambígua, desencadeando reflexões sobre como pessoas de ascendência mistas eram constituídas na sociedade da época. A história de Bertoleza ressoa nos dias atuais, é útil como lembrete das raízes históricas das desigualdades raciais persistentes.

A discriminação racial, o racismo estrutural e as disparidades socioeconômicas continuam a afetar as comunidades negras globalmente, destacando a importância contínua da luta por igualdade e justiça. Segundo o livro “O Cortiço” podemos contextualizar esse tema, observando na página 22 que,

às nove da noite, já não havia viva alma no pátio da estalagem. A venda fechou-se um pouco mais cedo que o habitual. Bertoleza atirou-se ao colchão, estrompada; João Romão recolheu-se junto dela, porém não conseguiu dormir; sentia calafrios e pontadas na cabeça. Chamou pela amiga, a gemer, e pediu-lhe que lhe desse alguma coisa para suar.(Azevedo, 1997, p.22)

Essa cena ilustra as complexidades enfrentadas por essas mulheres, cujas experiências cotidianas são profundamente impactadas pela interseção de gênero, raça e história, mesmo em um contexto pós-Lei Áurea.”

Convém dizer que a relevância das transformações legais, inclusive a Lei Áurea, na busca por direitos iguais, tanto no século XIX quanto nos dias atuais. Mesmo com a abolição formal da escravidão, as marcas históricas persistem, refletindo-se nas experiências cotidianas das comunidades negras. Essa cena exemplifica as complexas ramificações históricas e sociais que continuam a moldar as vivências das mulheres negras e pretas no Brasil.

A estética naturalista do século XIX, apresentada em “O Cortiço”, oferece uma perspectiva objetiva e sombria da realidade social da época. Os naturalistas, ao explorar a influência de fatores hereditários e ambientais nos personagens, abordam temas como desigualdade, violência e condição humana. Ao explorar as questões ético-raciais e sociais em “O Cortiço”, percebemos a relevância contínua da literatura na compreensão das experiências das mulheres negras no Brasil do século XIX. Essas reflexões não oferecem

apenas insights valiosos sobre o passado, mas também incentivam a busca contínua por uma sociedade mais justa e igualitária nos dias de hoje.

A obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo destaca-se como um exemplo notável de naturalismo no Brasil. Essa corrente literária, ocorrência ao romantismo, busca uma representação crua e realista da sociedade e da condição humana. No contexto do romance, a estética naturalista desempenha papel crucial ao retratar, de maneira minuciosa, as condições de vida precárias do cortiço.

A estética naturalista evidencia-se no romance através do determinismo ambiental, mostrando como o cortiço molda significativamente a vida das personagens. A descrição objetiva do ambiente destaca sujeira, superlotação e condições de moradia precárias, influenciando diretamente o desenvolvimento das personagens.

DEGENERAÇÃO E IMPACTO NAS PERSONAGENS NEGRAS

A ideia de degeneração, característica do naturalismo, é explorada à medida que personagens, especialmente negros e marginalizados como Bertoleza, são afetados pelas adversidades do meio ambiente. Isso fornece uma análise mais profunda das experiências das mulheres negras e sua relação com as questões éticas e raciais da obra. A estética naturalista em “O Cortiço” não apenas oferece uma visão realista da sociedade do século XIX, mas também contribui para a consciência histórica. Ao documentar as condições precárias enfrentadas pelas

mulheres negras, a obra torna-se um registro literário que informa a compreensão das desigualdades raciais e sociais, ressoando nos problemas contemporâneos.

A literatura naturalista do romance influenciou as representações culturais das mulheres negras, moldando percepções públicas e contribuindo para a persistência de estereótipos raciais. Isso destaca a importância de considerar como as representações literárias impactam as visões sociais, especialmente no contexto das mulheres negras.

Ao destacar as lutas das mulheres negras no século XIX por liberdade e direitos, “O Cortiço” serve como precursor das lutas contemporâneas por justiça, igualdade e representação. O ativismo atual é moldado pela resistência histórica, e as mudanças legais refletem a influência desse histórico nas políticas e leis atuais. “A literatura é a memória da humanidade”, afirma Carlos Fuentes, e em “O Cortiço”, a estética naturalista atua como um testemunho histórico. A representação crua e realista serve não apenas como reflexão sobre o passado, mas também como chamada à reflexão sobre o caminho da sociedade na busca por justiça, igualdade e representação.

Nesse contexto, é crucial aprofundar nossa compreensão sobre como as personagens negras, em especial Bertoleza, se tornam testemunhas da degradação física e moral imposta pelo ambiente hostil do cortiço. A narrativa naturalista destaca a inevitabilidade desse processo, revelando não apenas as circunstâncias adversas, mas também as limitações impostas pela sociedade da época.

A estética naturalista de “O Cortiço” não se limita a um retrato fiel da sociedade do século XIX, mas também funciona como um espelho que, ao refletir as condições das

mulheres negras, contribui para uma consciência histórica mais profunda. Ao documentar as condições precárias, a obra transcende a ficção, tornando-se um registro literário que ilumina as desigualdades raciais e sociais da época. A perspectiva naturalista permite uma análise minuciosa das experiências das mulheres negras, proporcionando uma visão mais rica e complexa das interações éticas e raciais.

A literatura naturalista do romance não apenas reflete a sociedade, mas também a molda. As representações culturais das mulheres negras exercem uma influência duradoura, contribuindo para a persistência de estereótipos raciais. Este aspecto ressalta a importância de considerar criticamente como as narrativas literárias impactam as percepções públicas, particularmente no que diz respeito às mulheres negras, cujas experiências muitas vezes foram simplificadas e distorcidas ao longo do tempo.

Ao destacar as lutas das mulheres negras no século XIX, “O Cortiço” não apenas narra a história, mas também se posiciona como um precursor das lutas contemporâneas por justiça, igualdade e representação. O ativismo atual está intrinsecamente conectado à resistência histórica, e as mudanças legais refletem não apenas a evolução das políticas, mas também a persistente influência desse histórico nas estruturas sociais. “A literatura é a memória da humanidade”, conforme proclamado por Carlos Fuentes, e “O Cortiço” é uma encarnação viva desse conceito. A estética naturalista do romance não apenas testemunha o passado, mas também convoca uma reflexão sobre o presente e o futuro da sociedade. A representação crua e realista serve como um convite à introspecção coletiva sobre o curso da humanidade na busca contínua por justiça, igualdade e

representação. Assim, a obra não é apenas um artefato histórico, mas uma voz persistente que ecoa através das eras, instigando ações e transformações sociais necessárias para construir um futuro mais equitativo.

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem. Começou a cair em tristeza. (AZEVEDO, 1997, p. 24).

Ao mergulhar nas páginas de “O Cortiço”, percebemos que a obra não é apenas uma narrativa histórica, mas uma obra-prima que transcende seu tempo, estabelecendo-se como um farol que ilumina as trilhas do ativismo contemporâneo. A saga das mulheres negras, delineada com maestria por Aluísio Azevedo, não apenas narra as injustiças do passado, mas também semeia as sementes de uma conscientização crucial para o presente.

A intrincada teia de relações sociais e raciais, meticulosamente tecida nas linhas do romance, ressoa nos corações daqueles que buscam justiça e igualdade nos dias de hoje. Ao destacar as lutas das personagens femininas, como Bertoleza, “O Cortiço” serve como um guia intrépido, inspirando ações e resistência diante das persistentes adversidades.

A estética naturalista do livro não é apenas um recurso literário; é um instrumento que nos convida a explorar as raízes profundas da desigualdade e da marginalização. As palavras de Azevedo não são meros

registros do passado, mas sim convocações urgentes para questionarmos as estruturas sociais contemporâneas que ecoam, em muitos aspectos, as injustiças descritas em suas páginas.

A representação crua e realista, ao invés de ser apenas um reflexo histórico, é um eco persistente que reverbera nas batalhas atuais por justiça social. Ao reconhecer as complexidades das personagens negras do cortiço, somos impelidos a questionar as narrativas simplificadas que moldaram e, em alguns casos, distorceram a compreensão da sociedade sobre a comunidade negra.

Assim, “O Cortiço” não é apenas um artefato literário do século XIX, mas uma obra que desafia, instrui e convoca à ação. Suas páginas são um testemunho vivo, uma voz que ecoa através das eras, incitando uma introspecção coletiva sobre o caminho da humanidade. Ao encarar as duras realidades delineadas por Azevedo, somos confrontados com a responsabilidade de forjar um futuro mais equitativo, onde a justiça, a igualdade e a representação se tornem pilares inabaláveis de nossa sociedade.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos. (AZEVEDO, 1997, p. 1)

A profundidade das relações humanas, tão habilmente explorada por Aluísio Azevedo em “O Cortiço”, encontra seu ápice na figura de João Romão. Ao mostrar um interesse genuíno pela desventura da vizinha, ele não apenas se torna um espectador, mas um participante ativo nos sofrimentos alheios. Sua empatia se revela tão intensa que a boa mulher o elege como confidente, compartilhando com ele as angústias de sua vida marcada por amofinações e dificuldades.

A história da vizinha, cujo senhor consumia sua existência, lança luz sobre as cruéis realidades enfrentadas por muitas mulheres na época. A narrativa transcende as fronteiras do cortiço, abordando questões sociais mais amplas, como a exploração e a luta pela liberdade. A confiança sobre as economias guardadas para alcançar a liberdade revela não apenas a tenacidade da vizinha, mas também a confiança depositada em João Romão.

Esse episódio, com suas nuances de compaixão e solidariedade, ressoa como um microcosmo das complexas relações sociais delineadas por Azevedo. Ele não apenas destaca a miséria física, mas também a miséria emocional vivenciada por essas personagens. Ao finalizar, somos convidados a refletir não apenas sobre as lutas visíveis, mas também sobre as lutas internas que permeiam as vidas daqueles que habitam as páginas de “O Cortiço”, reforçando a mensagem de que, mesmo em meio às adversidades, a humanidade persiste, resistindo e buscando uma liberdade que vai além das amarras físicas.

QUESTÕES DE GÊNERO E ESTEREÓTIPOS NO SÉCULO XIX

Na virada do século XIX, as mulheres negras não apenas confrontavam uma varie-

dade de estereótipos prejudiciais, mas também eram frequentemente retratadas como submissas e hipersexualizadas, agravando ainda mais a desigualdade já exacerbada pelo contexto de escravidão. No entanto, é imprescindível reconhecer que muitas delas desempenharam papéis ativos na resistência, emergindo como figuras essenciais nos movimentos abolicionistas e nas comunidades quilombolas.

No âmbito familiar e comunitário, as mulheres negras do século XIX ocupavam frequentemente posições fundamentais. Além de preservarem a rica tapeçaria cultural africana, transmitiam valores essenciais às gerações subsequentes e forneciam apoio vital às suas famílias em meio às adversidades. A literatura da época, notadamente exemplificada em “O Cortiço”, serve como uma janela penetrante, proporcionando insights profundos e multifacetados sobre as experiências complexas dessas mulheres.

Compreender o tratamento histórico das mulheres negras torna-se, portanto, uma pedra angular para refletir sobre as heranças profundas do racismo, escravidão e sexismo. Este entendimento crítico é crucial para evitar a perpetuação de injustiças sistêmicas. Ao mergulhar nessas complexidades, desafiamos estereótipos arraigados, abrindo caminho para uma representação mais precisa e equitativa na sociedade contemporânea.

Mulheres negras do século XIX não apenas enfrentavam desigualdades sistêmicas interligadas de raça e gênero, mas também contribuíram significativamente para uma compreensão mais profunda das questões raciais e de gênero na sociedade. Sua luta incansável contra o domínio representado por personagens como Jerônimo em “O Cortiço” é um exemplo emblemático

das múltiplas opressões enfrentadas e da incessante busca pela liberdade.

Nesse sentido, a continuidade dessa narrativa histórica não apenas honra o legado das mulheres negras, mas também oferece um ponto de partida essencial para diálogos mais amplos sobre justiça social e igualdade, destacando a importância de reconhecer, celebrar e aprender com as contribuições muitas vezes subestimadas dessas mulheres extraordinárias.

Azevedo em o cortiço retrata de maneira enfática a condição enraizada da época. No livro podemos extrair essa cena na qual Bertoleza se o defendia de todas as maneiras, assim, o pátio, palco do caos, encontrava-se quase repleto, revelando um cenário onde o entendimento era escasso. Em meio à confusão, homens e mulheres trocavam golpes e palavras em uma atmosfera frenética, enquanto mulheres e crianças expressavam sua indignação em altos berros. João Romão, em meio a um clamor furioso, sentia-se impotente diante dos demônios desencadeados naquele momento. “Fazer rolo àquela hora, que imprudência!”, pensava ele, percebendo a falta de controle sobre a situação.

As portas da venda e o portão da estalagem permaneciam abertos, uma vulnerabilidade exposta pela incapacidade de João Romão de contê-los. Em uma reação apressada, ele guardava o dinheiro da gaveta na barra, armava-se com uma tranca de ferro e posicionava-se como sentinela diante das prateleiras, preparado para confrontar qualquer um que ousasse saltar o balcão.

Enquanto isso, nos bastidores da cozinha, Bertoleza, a parceira de João Romão, preparava uma imponente chaleira de água quente. Seu objetivo era claro: defender com determinação a propriedade do seu ho-

mem. A cena de conflito lá fora fervilhava, e a atmosfera tornava-se cada vez mais intensa, impulsionada por um sopro terrível de rivalidade nacional.

Este tumulto não apenas reflete a turbulência da época, mas também destaca as dinâmicas de gênero e os estereótipos profundamente enraizados no século XIX. As mulheres, frequentemente retratadas como submissas, encontravam-se no epicentro da confusão, desafiando ativamente os papéis tradicionais atribuídos a elas. João Romão, por sua vez, encarava a batalha como um reflexo das tensões de gênero e das expectativas sociais que permeavam aquela sociedade do século XIX. Essa cena, portanto, vai além da simples narrativa de um tumulto; ela proporciona uma lente para examinar as complexidades das relações de gênero e estereótipos que moldavam a vida cotidiana nesse período histórico.

OPRESSÕES DE RAÇA E GÊNERO NO CONTEXTO HISTÓRICO

No Brasil colonial, as mulheres negras enfrentam estereótipos específicos e foram executadas a papéis de submissão e exploração. Contudo, muitos resistiram, liderando movimentos de resistência como a abolição da escravidão, evidenciando a resiliência e a busca pela justiça. Apesar da evolução na representação e percepção da mulher negra, desafios persistentes, como discriminação racial e de gênero, ainda afetam sua igualdade de oportunidades. No entanto, as mulheres negras desempenham papéis importantes em diversas esferas, promovendo a conscientização e trabalhando por uma sociedade mais inclusiva.

As desigualdades de raça e gênero continuam a ser uma realidade na sociedade bra-

sileira contemporânea. As mulheres negras enfrentam disparidades significativas em áreas cruciais, desde a educação até a saúde e o emprego. A persistência da violência de gênero e do racismo representa desafios sérios. As mulheres negras, como Bertoleza, muitas vezes são vítimas dessas formas de discriminação, destacando a interseção de opressões que enfrentam.

E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da

oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. Conceição Evaristo, no depoimento que abre este livro. (Evaristo, 2020 pg. 12)

As mulheres negras trazem consigo São memórias ancestrais, tradições e culturas da sua etnia, do seu passado histórico e da realidade construída no presente, isso nos inserem perante uma história que tem um comprometimento com a mudança, que surge indagação sobre a subalternidade forçada a mulher negra na sociedade. Hoje a mulher negra se vê inserida nas organizações de esquerda, no movimento feminista e no movimento negro, todos estes movimentos procura estratégias políticas de independência e de diversidade, trazendo o sonho de que toda pessoa é íntegra, independente das diferenças sexual, gênero e raça.

O ativismo, especialmente liderado por mulheres negras, desempenha um papel crucial na busca por justiça social e igualdade. O movimento feminista negro, com líderes como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, destaca a importância de considerar e enfrentar as complexas opressões que afetam as mulheres negras. A representação de mulheres negras na mídia e na cultura brasileira é fundamental para combater estereótipos es-

pecíficos. Bertoleza, enquanto personagem literário, exemplifica a necessidade de desafiar essas representações e promover uma visão mais positiva e diversificada.

A educação desempenha um papel crucial na promoção da compreensão e na superação de preconceitos. A sociedade brasileira deve continuar aprendendo com a história de mulheres negras, como Bertoleza, apoiando suas contribuições e lutas. Ao olharmos para a representação de mulheres negras na mídia e na cultura brasileira, percebemos a necessidade premente de desafiar estereótipos arraigados. Bertoleza, como personagem literária, exemplifica a importância de desconstruir essas representações negativas e promover uma visão mais positiva e diversificada das mulheres negras. Sua narrativa ressalta a resistência, a resiliência e a complexidade dessas mulheres, contribuindo para uma narrativa mais inclusiva.

A educação emerge como uma ferramenta poderosa na promoção da compreensão e na superação de preconceitos enraizados. Integrar a história de mulheres negras, como a de Bertoleza, nos currículos educacionais é fundamental para proporcionar uma visão abrangente da sociedade brasileira e reconhecer as contribuições muitas vezes negligenciadas dessas mulheres.

A sociedade brasileira, por sua vez, precisa abraçar um compromisso contínuo de aprendizado e sensibilização. Apoiar as contribuições e lutas das mulheres negras significa não apenas reconhecer sua história, mas também trabalhar ativamente para criar espaços mais equitativos e inclusivos. Isso implica a promoção da diversidade em todas as esferas, desde o ambiente educacional até as representações midiáticas, para construir uma sociedade que valorize e respeite

plenamente a diversidade de experiências e perspectivas das mulheres negras.

DESAFIOS ATUAIS E RESSONÂNCIA HISTÓRICA DE BERTOLEZA

As complexidades discutidas refletem não apenas o século XIX, mas também os desafios persistentes na sociedade contemporânea. Bertoleza, como símbolo de resiliência e luta, continua a ressoar, ocasionalmente como um lembrete das batalhas enfrentadas pelas mulheres negras. Este artigo explorou a interseção de raças e gêneros na sociedade brasileira, centrando-se na figura de Bertoleza. À medida que refletimos sobre o passado e enfrentamos os desafios atuais, é imperativo continuar trabalhando em direção a uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. A história de mulheres negras como Bertoleza oferece uma oportunidade única para o Brasil aprender com o passado. Reconhecer suas contribuições e lutas é fundamental para construir uma nação mais igualitária e inclusiva.

A interseção de raças e gênero apresenta desafios complexos, mas também oportunidades únicas para promover mudanças significativas. Angela Davis ressalta a importância de considerar e enfrentar essas desigualdades para alcançar uma verdadeira igualdade.

A conscientização é o primeiro passo, mas o compromisso com a mudança requer ação concreta. O ativismo, a representação positiva e a educação são ferramentas fundamentais nessa jornada em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

A resiliência das mulheres como Bertoleza serve como um símbolo de perseverança e força. O Brasil tem uma oportunidade de construir um futuro em que a igualdade racial e de gênero seja uma realidade. A análise das questões de raça, gênero e a representação da mulher negra nos conduz a uma compreensão profunda das dinâmicas sociais brasileiras. Estas questões continuam a impactar a sociedade, destacando a necessidade urgente de enfrentar as desigualdades sistêmicas.

O Brasil, uma nação diversa e culturalmente rica, pode moldar um caminho em direção a uma sociedade real justa e igualitária. A interseção de raças e gêneros não deve ser uma fonte de desigualdade, mas um lembrete de nossa capacidade de superar desafios e promover mudanças significativas.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Considerando o tema central deste trabalho, “O Cortiço: A Mulher Negra no Contexto das Relações Étnico-Raciais”, é com grande reflexão e sensibilidade que concluímos esta pesquisa. Ao explorar as intrincadas nuances das experiências das mulheres negras no contexto abordado pela obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, pudemos mergulhar nas camadas profundas das relações étnico-raciais que moldaram e, por vezes, desafiaram a construção identitária destas mulheres.

Através da análise dos personagens e da trama, percebemos como a narrativa reflete a realidade da época e, infelizmente, em alguns aspectos, ressoa ainda nos dias de hoje. As mulheres negras retratadas na obra enfrentam não apenas as dificuldades socioeconômicas de viver no cortiço, mas também a carga adicional de discriminação racial e

de gênero. Suas histórias, muitas vezes silenciadas, tornaram-se um ponto focal para compreender as complexidades das relações humanas sob a perspectiva étnico-racial.

Ao longo da pesquisa procuramos dar voz a essas mulheres, destacando suas lutas, resistências e contribuições muitas vezes negligenciadas pela sociedade. O objetivo foi não apenas analisar criticamente a obra literária, mas também lançar luz sobre a necessidade contínua de discutir e confrontar as questões étnico-raciais, especialmente no que diz respeito às mulheres negras.

O Brasil do século XIX para hoje, houve algumas mudanças sobre a representatividade dos negros na sociedade, sobretudo das mulheres, nesses dois séculos ser negro era ser fadado ao esquecimento jogado às mazelas da sociedade sem direitos nem voz. Não podemos dizer que o racismo foi erradicado, mas que ao menos existe lei para combatê-lo. Hoje vemos negros em todas as esferas sociais, ainda minoria, mas vem ocupando espaços antes inimagináveis.

Essa representatividade dada pelos autores lá atrás pôde oportunizar esse espaço que se tem hoje, contando sua verdadeira história, uma realidade que foi por muito tempo subjugada e rebaixada. É bem na verdade que no início esses autores retratava o negro como algo ruim ou sexualizado, mas que foi mudando a forma de pensamento e começou a pôr em suas obras o negro como protagonista, fazendo o leitor a conhecer e se reconhecer dentro da história, bem como conscientizar os demais.

Reconhecemos que este trabalho é apenas um pequeno passo em direção à compreensão mais profunda e à promoção da igualdade racial e de gênero. Acreditamos que a literatura e a pesquisa têm o poder de

despertar consciências e provocar mudanças. Portanto, encorajamos a continuidade deste diálogo, tanto na academia quanto na sociedade em geral, para que o legado das mulheres negras, suas histórias e contribuições, sejam integralmente reconhecidos e valorizados.

Que este estudo não seja apenas uma análise crítica de uma obra literária, mas um convite à reflexão, à empatia e à ação. Que as vozes das mulheres negras ecoem em nossas consciências, inspirando-nos a construir um futuro mais inclusivo, justo e respeitoso para todas as pessoas, independentemente de sua origem étnico-racial.

A história da mulher negra, contada nos romances do século XIX foi, durante muito tempo, destituída da sua legitimidade e marginalizada. Era uma época em as mulheres negras não eram respeitadas, em sua vida real muito menos na ficção. Na literatura não foi diferente. Nesse contexto, este trabalho se propõe a analisar as representações da mulher negra, através da personagem Bertoleza dentro da obra *Cortiço* e o seu contexto nas relações étnico-raciais.

consequente, nosso olhar para a mulher e para esses textos literários, visa a discussão das representações, das figurações, da legitimidade e das subjetividades das personagens negras femininas na literatura brasileira. Constata-se, nesse percurso, que as fissuras nas ações das personagens as tornam mais complexas do que o senso comum normalmente sugere em relação à mulher negra, talvez porque a própria condição de ser mulher implique, constantemente, uma abertura, na ficção e na vida.

Sabe-se ainda ser longo o caminho a percorrer para se acabar com o racismo, o preconceito contra o gênero, por isso é pre-

ciso que todos os dias levantemos a bandeira da igualdade que considere a diversidade. Há muito a ser feito para a mudança de pensamentos, ações e atitudes que considerem as diferenças raciais e de gênero, é preciso dá oportunidades iguais para que brancos e negros tenham as mesmas condições de se avançarem e possam segurar suas necessidades, por meio da participação nas riquezas produzidas, comprovando suas competências.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Klick Editora, 1997.

AZEVEDO, A. **O Cortiço**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ARAÚJO, Neyára de Oliveira. Novos pobres: o que há de novo? **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, vol.27, n1, p. 86- 98, 1996. Dossiê: Pensamento Social e Literatura.

BAIROS, Luiza. **Lembrando Lélia Gonzalez**. 2009. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/lebrando-lelia-gonzalez-por-luiza-bairos/> > Acesso em 14 de dez. 2023.

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade: ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. De cortiço a cortiço. **Revista Novos Estudos**, nº 30, julho de 1991.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça & Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2ª ed, RJ: Malê, 2016.

Vozes- Mulheres. In: (Org.) Ed. dos Autores. Cadernos Negros 13. São Paulo: Quilombhoje, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 43. ed Rio de Janeiro: Record, 2001. 569 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-latino-americano**. Revista Isis Internacional, vol. IX, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher negra**. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**, p. 25-44. São Paulo, Zahar 2020 [1979].

GUIMARÃES, Antônio Sergio A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, Florianópolis, ano 3, p. 464-478, 2

KEILLA, Flor Santos. **Mulheres negras no pós-abolição**. Brasília DF. 2018. Acesso: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19720/1/2018_KeillaVilaFlorSantos_tcc.pdf

LO-RUAMA, Lóring Bastos. **Jornadas internacionais de histórias em Belo Horizonte/MG**. 2018. Disponível em < https://anais2a-jornada.eca.usp.br/anais5asjornadas/q_educacao/lo-ruama_bastos.pdf > Acesso: 02 de maio de 2023.


RAYANNE, Freire Monteiro Bahia. **O pobre na literatura: análise sociológica da obra o cortiço**. Fortaleza/CE. 2012. Disponível < <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6401/1/2012-DIS-RFMBAHIA.pdf> > Acesso: 02 de maio de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. São Paulo. v.13n.24 p. 99 - 104 2016. Disponível em:<<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-pordjamila-ribeiro.pdf> > Acesso em: 09 mar.2023.


RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. ROMERO, Sílvia. **Naturalismo e Realismo no Brasil**. 1952.

RAGO, Margareth. **Historia das mulheres no Brasil**. Ed. Contexto & Unesp: São Paulo, 2004. Disponível em <<https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/delprior-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf> > Acesso em: 26 dez. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
CURSO DE LICENCIATURA EM
LETRAS VERNÁCULAS – EAD

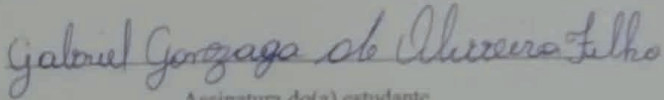


TERMO DE AUTENTICIDADE E DE DISPONIBILIDADE DO TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO

Nós, **Gabriel Gonzaga de Oliveira Filho** e **Mare Helena Soares Cardoso**, abaixo-assinado(a)s, estudantes do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas/EAD da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), declaramos que o conteúdo do artigo científico intitulado **O CORTIÇO: A MULHER NEGRA NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS** é autêntico, original, de nossa autoria e desenvolvido sob a orientação de Prof.^a **Milena Santos de Jesus**. Trata-se de um trabalho apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso III, sob regência da Prof.^a **Andréia Silva Araújo**, como requisito de avaliação.

Através deste termo, autorizamos a disponibilizar o acesso do referido artigo (bem como dos slides da defesa) para fins de leitura, uso como referência elaboração de outros trabalhos e/ou impressão a título de divulgação da produção científica gerada pela Instituição. A partir desta data e até que manifestação em sentido contrário de nossa parte determine a cessação desta autorização.

Campus Prof. Soane Nazaré de Andrade, 30/11/2023.


Assinatura do(a) estudante

